

A GUERRA DA CRIMEIA

*“Alguém cometeu um erro crasso:
a eles não cabia retrucar,
a eles não cabia perguntar por quê,
a eles cabia senão executar e morrer,
para o vale da Morte cavalgaram os seiscentos.”*²⁶

Trecho do poema de Alfred Tennyson, sobre a carga da brigada da cavalaria ligeira britânica, na Batalha de Balaklava.

Nos anos de 1814-15, as principais potências europeias se reuniram em um congresso na cidade de Viena para tratar sobre o futuro da Europa pós-napoleônica. Acordos resultantes garantiram quase quatro décadas de paz na Europa.

O equilíbrio entre as potências, um dos pontos mais importantes estabelecidos no Congresso de Viena, começou a ser ameaçado quando o czar Nicolau I resolveu conquistar territórios do Império Otomano, na região do mar Negro. Se fosse bem sucedido, o czar poderia dominar os estreitos de Bósforo e Dardanelos, o que lhe garantiria acesso ao mar Mediterrâneo e lhe daria o domínio sobre a estratégica região dos Bálcãs, habitada por muitos cristãos ortodoxos, dos quais o imperador russo considerava-se protetor.

O Império Otomano, em decadência, não parecia ser um sério obstáculo às pretensões russas. No entanto, os objetivos do czar iam de encontro aos interesses de outras potências, já que austríacos, prussianos e franceses também cobijavam estender sua influência sobre o cambaleante império turco, enquanto os britânicos temiam que uma expansão russa para o sul pusesse em risco suas rotas comerciais que passavam pelo Mediterrâneo. De modo geral, todas as principais nações europeias concordavam em um ponto: era preciso evitar que a Marinha Russa tivesse acesso ao Mediterrâneo, pois consideravam tal fato uma ameaça ao equilíbrio de forças na região.

A preocupação dos mais poderosos países europeus neste sentido remontava ao final do século XVIII, quando os russos garantiram acesso ao mar Negro e construíram a importante base naval de Sebastopol, na Península da Crimeia. Para acalmar os ânimos, Grã-Bretanha, Prússia, França, Áustria e Rússia reuniram-se em uma convenção, em 1841, e estabeleceram que os turcos seriam os guardiões do Bósforo e dos Dardanelos, sendo vedada a passagem de navios de guerra de qualquer país pelos estreitos. Ficava, dessa forma, bloqueado o acesso da Marinha Russa ao mar Mediterrâneo.

²⁶ apud WOODHAM-SMITH, 2005, p.7.

Nicolau I, além de suas ambições territoriais, desejava ser reconhecido pelo governo turco como o protetor dos povos ortodoxos que habitavam o Império Otomano, o que na realidade lhe garantiria o direito de intervir em domínios turcos quando assim desejasse.

Em 1853, uma disputa na Palestina (então território otomano), entre cristãos ortodoxos e católicos pelo controle de “locais santos”, pôs frente a frente os imperadores da Rússia e da França. Napoleão III,²⁷ imperador da França, reclamou aos turcos que a prerrogativa de administrar os “locais santos” do Oriente Médio fosse concedida ao clero latino. Nicolau I também reivindicou este direito para o clero ortodoxo. O sultão que governava o Império Otomano contemporizou com as solicitações, irritando Nicolau I e Napoleão III.

Diante da posição do sultão, Nicolau I, em julho de 1853, ordenou a invasão dos principados otomanos da Valáquia e da Moldávia, localizados nos Bálcãs. Os turcos responderam declarando guerra à Rússia. Em novembro de 1853, a Marinha Russa obteve uma grande vitória sobre a frota turca em Sinope. Diante disso, Grã-Bretanha e França enviaram forças navais para proteger a capital turca (Constantinopla, denominada Istambul pelos otomanos) e os estreitos de Bósforo e de Dardanelos.

Iniciaram-se esforços diplomáticos para pôr fim ao conflito, mas estes fracassaram. Em março de 1854, ante a insistência dos russos em permanecer na Valáquia e na Moldávia, a Grã-Bretanha e a França, inimigos tradicionais, esqueceram suas diferenças, aliaram-se e declararam guerra ao Império Russo. A Áustria e a Prússia, que tinham desconfianças mútuas, preferiram manter-se neutras.

Para os aliados, a guerra significava uma oportunidade de conter de vez as ameaças expansionistas russas. Napoleão III também tinha em mente resolver suas desavenças com o czar em relação aos assuntos religiosos ocorridos na Palestina.

OS TURCOS OTOMANOS

No século VIII, os turcos otomanos migraram das estepes asiáticas para a Anatólia, onde se converteram ao islamismo. Gradualmente conquistaram o Império Bizantino, passando, depois, a entrar em frequentes atritos com as nações europeias.

Constituíram o Império Otomano, que atingiu seu ápice no século XVI, quando abrangia os Bálcãs, o norte da África, o Oriente Médio, parte da Europa Oriental e o Cáucaso.

Os mais importantes combatentes do Império Otomano foram infantas chamados janízaros (tropa nova). Estes soldados, recrutados quando crianças em comunidades cristãs, eram duramente doutrinados e treinados para a guerra por sacerdotes muçulmanos. Não podiam casar-se ou ter outras profissões; cada um devia lealdade somente para com seus pares e para com seu amo real.

A partir do século XVII, iniciou-se a decadência e a fragmentação do Império Otomano, devido, principalmente, à estagnação tecnológica e econômica. Os exércitos otomanos não acompanharam a modernização dos seus rivais europeus, passando a sofrer reveses contínuos. O fim do Império Otomano ocorreu em 1923, substituído por uma república.

²⁷ Napoleão III era sobrinho de Napoleão I. O filho deste, tornou-se imperador, por um breve período, em 1815, com o nome de Napoleão II.

Britânicos e franceses estabeleceram como objetivo principal de sua campanha contra os russos a tomada de Sebastopol, pois isto aniquilaria o poder naval russo no mar Negro. Operações secundárias seriam lançadas pelos aliados em pontos estratégicos no mar Báltico, a fim de dividir as forças russas

Para combater na Crimeia, os franceses destacaram cerca de trezentos mil homens, os ingleses cem mil, os turcos cento e cinquenta mil e os russos quatrocentos e cinquenta mil. Os exércitos dos beligerantes eram compostos por soldados profissionais, que, ao longo do conflito, se mostraram, de modo geral, disciplinados e preocupados com a honra pessoal e de suas unidades (muitos eram influenciados pelo espírito nacionalista).

Os comandantes das tropas eram escolhidos entre a nobreza. Os oficiais de alto escalão, particularmente, se mostraram despreparados quando os combates se iniciaram, já que a competência profissional não era pré-requisito para o comando, pois este era concedido levando-se em conta o posto (por vezes comprado), o grau de influência e privilégios. Inexperientes, pois nunca haviam participado de combates de grande amplitude, os comandantes empregariam no conflito táticas e estratégias da época das Guerras Napoleônicas, que se mostrariam inadequadas em virtude dos avanços tecnológicos ocorridos na primeira metade do século XIX. Além disso, os oficiais eram arrogantes para com os soldados e preocupavam-se primordialmente em manter seus uniformes reluzentes, obter medalhas e conseguir glórias pessoais.

Os uniformes das tropas eram vistosos, mas se revelaram inadequados para o combate. No verão sufocavam os soldados, no inverno não os aqueciam. Suas tonalidades tornavam os combatentes alvos bastante visíveis no terreno. Diversos equipamentos utilizados eram frutos de inovações tecnológicas resultantes da Revolução Industrial, destacando-se o telégrafo elétrico, que permitia rápidas trocas de informações, e fuzis e canhões raiados, que possuíam maior alcance e precisão dos que as armas de fogo antecessoras.

O NACIONALISMO

O nacionalismo tratava-se de uma ideologia em que o indivíduo devia lealdade e devoção à sua Nação, entendida como a reunião de habitantes de um mesmo território, que comungam língua, cultura, religião e interesses e têm o direito à autodeterminação.

O nacionalismo moderno tomou corpo na Revolução Francesa, quando a lealdade ao monarca foi substituída pela lealdade à Pátria. Da França, espalhou-se para outros locais, adquirindo diferentes feições, de acordo com o interesse de governos e movimentos que dele se apropriaram como elemento programático ou forma de propaganda.

Contribuiu para justificar muitos conflitos, entre os quais guerras de libertação, como as que resultaram na independência dos países da América do Sul; e lutas pela formação de estados nacionais, a exemplo dos movimentos de unificação da Alemanha e Itália.

A inaptidão dos comandantes britânicos e franceses manifestou-se logo no deslocamento de seus meios para Varna, na atual Bulgária, então território otomano, sua primeira base de operações (de onde os aliados pretendiam combater os russos que estavam nos Bálcãs). Devido às péssimas condições de transporte, feito por via marítima, sem planejamento, muitos cavalos machucaram-se ou morreram; os soldados deslocados em condições não satisfatórias, também sofreram muito. Quando os exércitos chegaram a Varna, em maio de 1854, constatou-se que faltava forragem para os animais e que a água existente era insuficiente. Para piorar, irromperam surtos de cólera e disenteria, que se agravaram em virtude da falta de cuidados sanitários, devastando a tropa.

A essa altura, os russos já se estavam retirando dos Bálcãs, em virtude da reação das tropas turcas e da pressão diplomática dos austríacos, que ameaçaram intervir no conflito ao lado dos aliados (a ofensiva russa pelos Bálcãs já havia chegado até a cidade de Silístria, na Bulgária, o que desagradou os austríacos).

Após a retirada russa, com os Bálcãs a salvo, os aliados resolveram partir para a Crimeia e conquistar Sebastopol. Após um reconhecimento sumário, resolveram invadir a península pela baía de Calamita, ao norte de Sebastopol. Apesar da fraca resistência inimiga, o deslocamento e o desembarque dos aliados foram penosos, devido à falta de organização.

Os aliados, sofrendo de falta de água, calor e doenças, marcharam para o sul até o rio Alma, onde, em 20 de setembro de 1854, defrontaram-se com um forte contingente russo. Após um violento combate, os aliados derrotaram os russos. Deixaram,

A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

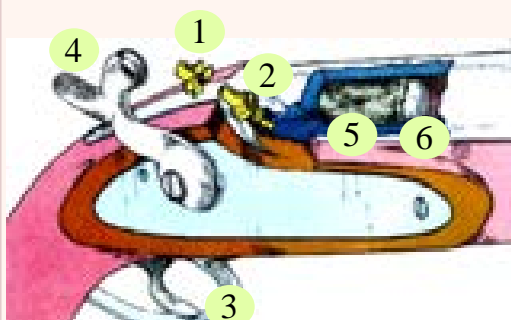
A Revolução Industrial teve início na Inglaterra no século XVIII, de onde se propagou gradativamente para outras partes do mundo. Caracterizou-se, principalmente, pela substituição da manufatura pela fábrica, da ferramenta pela máquina, e da energia humana, hidráulica e animal pela motriz. Marcou a passagem do capitalismo comercial para o industrial, contribuindo para consolidar este como o modo de produção dominante.

A partir da Revolução Industrial, os avanços tecnológicos se intensificaram, redundando em profundos reflexos para a arte da guerra. Novos instrumentos, de forma padronizada e em maiores quantidades, passaram continuamente a ser postos à disposição dos exércitos, fazendo com que a hegemonia militar pendesse para os países com maior poderio tecnológico e industrial.

Na Guerra da Crimeia, os novos meios de guerra, pela primeira vez, foram reunidos e utilizados: fuzis e canhões raiados (com maior precisão e alcance do que os de cano liso), telégrafos elétricos (permitiam rápidas transmissões de mensagens, mesmo a longas distâncias), ferrovias (construídas para o transporte de suprimento), alimentos enlatados (facilitaram o abastecimento das tropas, livrando-as da dependência de gêneros perecíveis), anestésicos (utilizados em proveito de feridos) e navios a vapor (livraram as embarcações da dependência dos ventos).

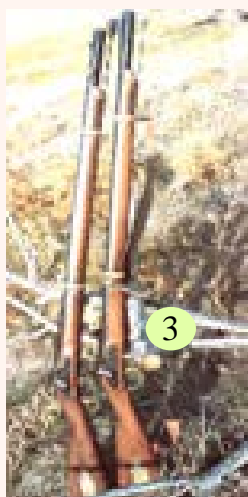
APRIMORAMENTO NOS ARMAMENTOS

CÁPSULA DE PERCUSSÃO



No início do século XIX, as cápsulas de percussão (espoletas) substituíram a pederneira como elemento de iniciação da queima da pólvora por ocasião do tiro. As espoletas (1) eram de fulminato de mercúrio $[(Hg(ONC)_2)]$, um explosivo muito sensível à fricção e ao impacto. Para realizar o disparo, o atirador colocava a espoleta no “ouvido” (2) da arma. Dessa forma, a espoleta passava a ter comunicação com a pólvora. Acionado o gatilho (3), o cão (4) chocava-se com a espoleta, provocando uma pequena explosão que, por sua vez, detonava a pólvora (5), fazendo com que o projétil (6) fosse expelido do cano. Mais confiável e prática do que a pederneira, a cápsula de percussão foi rapidamente adotada pelos principais exércitos.

O SISTEMA MINIÉ



No início do século XIX, os armeiros sabiam que canos com alma raiada (1) davam maior precisão e alcance às armas; porém os processos para encaixar os projéteis nas raias eram muito complicados. Em 1849, no entanto, o oficial francês Claude Etienne Minié desenvolveu um novo projétil (2), dotado de uma cavidade cônica na sua base, com um pequeno copo de cobre. A carga, ao explodir, lançava o copo para dentro da cavidade cônica, fazendo com que a parte de trás do projétil se expandisse, encaixando-se nas raias. Isso impedia o escape de gases em torno do projétil, aumentando o alcance da arma e fazia também o projétil girar, dando-lhe mais precisão. O alcance da armas, com sistema Minié, (3) passou de 200 para cerca de mil metros, sendo estas também dotadas de dispositivos de pontaria, o que as tornava muito mais letais que as antecessoras. O carregamento dos fuzis, porém, não evoluía, continuando a ser antecarga.

entretanto, de aproveitar o êxito, o que permitiu às tropas adversárias dirigirem-se para Sebastopol, onde reforçaram as defesas.

Com os russos momentaneamente fora do caminho, os aliados poderiam sitiá-lo. Conquistar a cidade, muito fortificada, não era, porém, missão fácil. Para dificultar as ações inimigas, os russos afundaram navios no canal que dava acesso ao porto, impossibilitando, assim, a marinha aliada de apoiar o ataque terrestre.

Pressentindo que o cerco seria demorado, os aliados decidiram adiar suas operações ofensivas, a fim de se reorganizarem. Para isso, sentiram a necessidade de boas e seguras bases navais que lhes proporcionassem abrigo para as tropas e permitissem desembarcar artilharia pesada e suprimentos. Com esta finalidade, os franceses estabeleceram uma base na baía de Kamiesch e os britânicos outra em Balaklava. Ambas ficavam ao sul de Sebastopol, e, para alcançá-las, os aliados marcharam circundando a base naval inimiga.

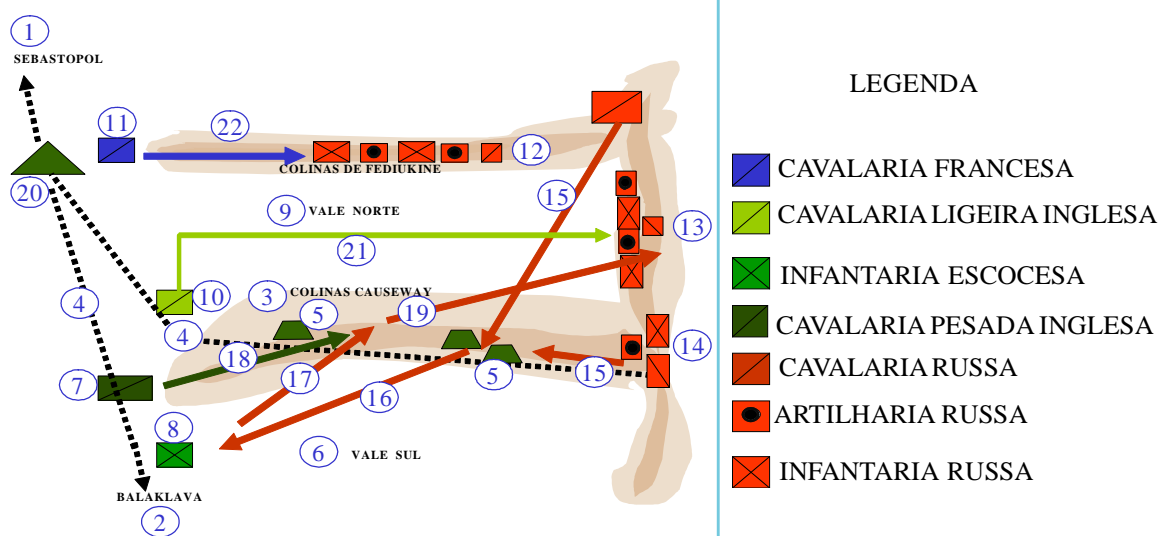
As defesas de Sebastopol, notadamente as que se voltavam para Kamiesch e Balaklava, não estavam concluídas quando os aliados iniciaram o sítio em outubro de 1854. Franceses e britânicos, contudo, não exploraram essa vantagem, devido, principalmente, à falta de engenheiros e equipamentos, possibilitando aos russos fortalecerem ainda mais suas posições.

O bombardeio aliado a Sebastopol teve início em 17 de outubro de 1854. Os russos, no entanto, não ficaram somente na defensiva. Em 25 de outubro lançaram um ataque, procurando interpor-se entre as tropas e as bases aliadas, a fim de isolar as forças que sitiavam Sebastopol. O confronto, conhecido como Batalha de Balaklava, encerrou-se em um impasse; os sitiados mantiveram suas linhas de comunicação, mas os russos ganharam terreno ao norte de Balaklava.

CARGA DA BRIGADA LIGEIRA INGLESA NA BATALHA DE BALAKLAVA



ABATALHADE BALAKLAVA



Em outubro de 1854, perto de Balaklava, na Crimeia, tropas britânicas, francesas e turcas, comandadas por lorde Raglan e pelo general francês Canrobert, enfrentaram forças russas, lideradas pelo general Liprandi. Ambos os contendores contavam com aproximadamente 20 mil homens. Os russos tinham como objetivo isolar as tropas aliadas que sitiavam Sebastopol (1) da base de suprimento inglesa de Balaklava (2). Para que o plano se efetivasse, era vital que se apossassem das colinas Causeway (3) e das estradas que ligavam Sebastopol à Balaklava (4). Os aliados tinham ciência da importância das colinas. Em virtude disso instalaram nessas elevações pontos fortes, guarnecidos por forças turcas (5). Por ocasião do combate, as forças aliadas encontravam-se com o seguinte dispositivo: no vale sul (6) estava a Brigada de Cavalaria Pesada inglesa (7) e o 93º Regimento de Infantaria escocês (8); no vale norte (9), a Brigada de Cavalaria Ligeira inglesa (10) e a cavalaria leve francesa (11). Os russos dispuseram forças de infantaria, artilharia e cavalaria nas colinas Fediukine (12), na extremidade leste do vale norte (13) e também a leste das colinas Causeway (14). O combate foi iniciado pelos russos que lançaram potentes ataques sobre os pontos fortes inimigos, conquistando alguns deles (15). A cavalaria russa, tentando aproveitar o êxito, avançou para o vale sul (16), a fim cortar as linhas de comunicações aliadas, porém foi detida pelo 93º Regimento de Infantaria escocês. A cavalaria russa retraiu para as colinas Causeway (17), porém, enquanto se reorganizava, foi surpreendida por um ataque da cavalaria pesada inglesa (18). Derrotada novamente, a cavalaria russa procurou abrigo nas posições amigas situadas na extremidade leste do vale do norte (19). Então, do acampamento aliado (20), lorde Raglan observou novas movimentações nas colinas Causeway. Pensou que os russos estavam retirando os canhões dos pontos fortes que haviam conquistado. Na época, perder canhões era um sinal de que a batalha fora perdida (na verdade, os russos estavam apenas mudando os canhões de posição no próprio local). Raglan, que observava a batalha de longe, mandou redigir uma mensagem, na qual ordenava ao lorde Cardigan, comandante da Brigada de Cavalaria Ligeira inglesa, que este impedisse a suposta retirada dos canhões. A mensagem foi redigida de maneira truncada, de forma que Cardigan, ao recebê-la, não sabia a que canhões Raglan se referia. Pressionado a agir pelo mensageiro, capitão Nolan, que queria imediatamente entrar em ação, Cardigan ordenou que a Brigada Ligeira atacasse as forças russas que estavam na extremidade leste do vale norte em vez das que estavam nos pontos fortes. A Brigada Ligeira lançou, então, sua carga (21) pelo vale norte, sendo dizimada pelos fogos da artilharia e da infantaria inimiga posicionadas nos seus flancos e à frente. Percebendo o massacre a que era submetida a cavalaria ligeira inglesa, os cavalheiros franceses, por iniciativa própria, atacaram as posições russas nas colinas Fediukine (22), aliviando um pouco a situação dos britânicos. Com enorme número de baixas e enfraquecidos, lorde Cardigan e seus cavaleiros chegaram até as posições inimigas, de onde foram prontamente repelidos. A carga de cavalaria inglesa foi o último ato dessa batalha. Os contendores se satisfizeram em manter suas posições. A batalha, sem vencedor, custou aos aliados cerca de 700 baixas e, aos russos, por volta de 1.000.

FORMA USUAL DE COMBATE DOS BELIGERANTES

A Guerra da Crimeia foi travada com processos de combate semelhantes aos das Guerras Napoleônicas, ou seja, soldados avançavam lentamente em direção ao inimigo em formações cerradas, lançando fogos e ao mesmo tempo sendo alvo dos disparos do adversário (conforme a imagem abaixo, que retrata o encontro de tropas de infantaria escocesas e russas na Batalha de Alma). Na época de Napoleão I, o alcance das armas de fogo, pouco eficazes, era de cerca de 200 metros; sendo assim uma tropa que avançasse sobre o inimigo não era alvo de muitos disparos até chegar à posição adversária e iniciar o combate corpo-a-corpo. Na Guerra da Crimeia, porém, as novas armas raiadas tinham um alcance de cerca de 1000 metros e uma letalidade muito maior. Agora o soldado marchava sobre o inimigo sendo alvo de disparos por muito mais tempo. Os ataques de cavalaria mostraram-se ainda mais ineficazes do que os da infantaria, a exemplo da carga da cavalaria ligeira inglesa na Batalha de Balaklava. Também, em face do maior alcance dos fuzis, a artilharia foi obrigada a se posicionar bem mais à retaguarda das tropas que apoiava, perdendo em eficiência. A consequência de tudo isso foi o grande aumento de baixas para as tropas que avançavam para assaltar a posição inimiga, principalmente se o adversário estivesse protegido por fortificações. Dessa maneira, iniciou-se uma fase na história militar que perduraria até a I Guerra Mundial, na qual o defensor teria grande vantagem sobre o atacante. Os comandantes dos exércitos que combateram na Crimeia em nada inovaram. Empregaram suas forças em ataques pouco organizados, às vezes frontais, que redundaram em grande número de baixas.



Em 5 de novembro de 1854, os russos decidiram atacar novamente Balaklava, dando origem à Batalha de Inkerman. O embate, caracterizado pela falta de planejamento e comando de ambos os lados, foi vencido pelos aliados.

Em seguida, os beligerantes suspenderam operações de vulto, tendo em vista atravessar a fase mais intensa do gélido inverno de 1854-55. Foi um período muito difícil para as tropas aliadas. Seu sistema de abastecimento era muito mal organizado e, para agravar, uma forte tempestade destruiu cargueiros e instalações onde se encontravam suprimentos e se alojavam os soldados. As tropas aliadas, sem abrigo e uniformes adequados, passaram a sucumbir diante das doenças, da fome e do frio.

A situação das tropas posicionadas nas linhas de sítio da orla de Sebastopol era ainda pior, pois os russos controlavam a melhor estrada que ligava os sitiados à sua base em Balaklava. Sendo assim, os suprimentos somente chegavam às tropas das linhas de frente aliadas se soldados os arrastassem através de inóspitos terrenos.

Para agravar, as instalações médicas aliadas eram insuficientes e mal cuidadas e em nada contribuíram para o restabelecimento dos combatentes acometidos por doenças ou feridos em combate.

A Guerra da Crimeia foi a primeira a ser fotografada e coberta por correspondentes de guerra. Algumas matérias, fugindo da censura dos comandantes militares, foram publicadas em jornais. Notícias sobre o padecimento dos soldados e sobre as falhas dos comandantes levaram a opinião pública britânica a exigir de seus governantes providências. Em consequência, o sistema de abastecimento foi reorganizado e a tropa passou a depender menos de gêneros perecíveis, pois começou a ser suprida com alimentos industrializados, como a carne enlatada e o leite em pó. Além disso, os britânicos constituíram um serviço de enfermagem liderado por Florence Nightingale, que com simples medi-

INFANTE BRITÂNICO

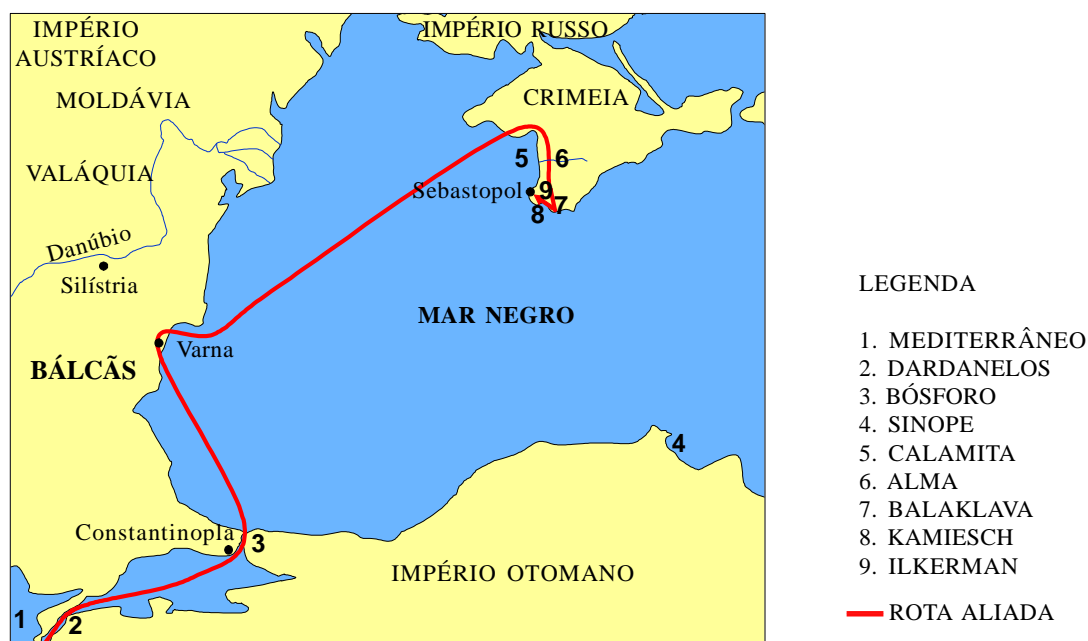


das higiênicas e melhores tratamentos aos baixados, fez diminuir em muito a mortalidade nos hospitais de campanha.

Em janeiro de 1855, tropas do Piemonte-Sardenha (reino da Itália) chegaram para reforçar os aliados. O governo deste Estado italiano esperava, com seu apoio, conseguir aliados em futuras lutas que almejava liderar para unificar a Itália.

As hostilidades se reiniciaram em fevereiro de 1855. Os russos lançaram um ataque a uma estrada e a uma ferrovia que os aliados construíam para ligar Balaklava às tropas que sitiavam Sebastopol. Este ataque foi detido pelos turcos.

GUERRA DA CRIMEIA



Aos poucos, os aliados intensificaram suas operações de sítio, conquistando as principais posições defensivas russas. Bombardeios maciços sobre Sebastopol tornaram-se rotineiros, fazendo com que perdas da guarnição russa se elevassem. Finalmente, em setembro de 1855, os russos se retiraram da fortaleza, que passou para o domínio dos aliados. Outras operações menores se seguiram, enquanto negociações de paz se realizavam. A morte do czar Nicolau I e o fato de a Rússia estar com sua economia arruinada favoreceram a chegada a um entendimento.

Pelo Tratado de Paris (30 de março de 1856), foi confirmada a soberania turca sobre a Valáquia e a Moldávia. Os russos cederam aos turcos a Bessarábia e tiveram de renunciar ao direito de proteção aos cristãos do Império Otomano. O acordo estabelecia, também, que nenhuma força militar ou base naval russa poderia ser mantida no mar Negro.

A vitória dos aliados garantiu a segurança das rotas comerciais britânicas no mar Mediterrâneo, manteve a integridade do Império Otomano e fortaleceu Napoleão III. As tensões na região, no entanto, continuaram, sendo a razão de outros conflitos.

A guerra da Crimeia marca o advento de diversos meios militares provenientes da Revolução Industrial, que os comandantes militares não souberam empregar corretamente. Este fato, as péssimas condições sanitárias das tropas e os rigores climáticos foram os motivos principais do elevado número de mortes resultantes do conflito (aproximadamente noventa mil franceses, trinta e cinco mil turcos, dezessete mil britânicos, dois mil sardo-piemonteses e cento e trinta mil russos).

Muitos aspectos que caracterizaram essa guerra estariam presentes em um conflito ainda mais sangrento: a Guerra Civil Americana.